Centro e Bibliotheca de Estudos Sociaes

Séde: Rua das Antas n.º 218—Porto

N.º 3

M. J. DE SOUZA

Sindicalismo e Ação direta

Preço . . . 20 rs.

PORTO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

171, Rua dos Mercadores, 171

1911

Centro e Bibliotheca de Estudos Sociaes

Séde: Rua das Antas n.º 218—Porto

N.º 3

M. J. DE SOUZA

Sindicalismo e Ação direta

Preço . . . 20 rs.

PORTO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

171, Rua dos Mercadores, 171

1911

Duas palavras

O «Comitè de Propaganda Sindicalista do Porto,» cumprindo a missão para que foi criado e seguindo a norma estabelecida pelo Centro e Biblioteca de Estudos Sociaes de que è um orgão, publica o presente folheto, certo de que contribue com o seu grão de areia para a educação do proletariado portuguez, que agora mais do que nunca necessita organizar-se e orientar-se de modo a abreviar, conjuntamente com o proletariado d'alem fronteiras, a sua integral emancipação.

Porto, 15 de Abril de 1911

O Comitè de Propaganda Sindicalista

SINDICALISMO E AÇÃO DIRETA

I

O atual sistema societario da propriedade individual, estabeleceu na humanidade um antagonismo de interesses, segundo o qual um determinado numero de individuos conseguiu apoderar-se de toda a riqueza social e natural, em detrimento do maior numero.

Estabelecido nos codigos da antiga Roma, o *direito de acessão* sobre todos os bens existentes sobre a Terra, esse direito tem subsistido atravez dos seculos e apezar das transformações porque a sociedade tem passado. Assim sendo e para que esse principio não fosse alterado, aproveitaram-se—aqueles que tem conservado esse previlegio—das forças repressivas e astuciozas, isto é, da Relegião e do Estado, aquela para que insinuasse no espirito dos mais fracos a resignação e a passividade e este para que obrigasse, pela magistratura e pela força das boionetas os recalcitrantes, a respeitar aquele principio.

Deste modo se estabeleceram duas classes completamente distintas: uma a que se assoreou da terra,—solo e sub-solo—dos instrumentos de trabalho, da viação terrestre e maritima, das vias de comunicação, e que monupolisou em seu exclusivo proveito, as ma-

ravilhosas descobertas cientificas, a Arte, a Literatura, tudo, emfim, que o genio, o talento e a força muscular tem produzido e que a toda a humanidade é dado gosar; a outra a que dia e noite produz sem descanço, que não possue cousa alguma, que nada goza e que vive numa mizeria continua, estagnada de trabalho, morta de sofrimento e de fome.

D'um lado está pois uma classe, a burgueza, que apenas consome sem nada produzir de util á humanidade; de outro lado a outra, a produtora, que, produzindo toda a riqueza social, não pode consumir *segundo as suas necessidades*.

Atualmente constata-se já na classe trabalhadora um certo desejo de revindita, não no sentido da vingança para com a classe burgueza capitalista, cujo egoismo tem dado causa a todo o sofrimento humano, mas sim no sentido de proclamar a sua emancipação, destruindo o atual sistema capitalista e substituindo-o por outro mais equitativo, mais humano, aonde cada ser, sem sofrer qualquer especie de coação, tenha assegurado o seu direito á existencia —o Comunismo Livre.

Para lá caminham os trabalhadores concientes de todo o mundo.

II

Em Portugal tambem os operarios principiràm a olhar para novos horizontes, ou por outra, vão se convencendo que o seu bem estar só por si pode e deve ser conquistado. Assim, já de longa data que veem criando entre si o espirito de associação, por que

compreenderem que isoladamente nada podem fazer em seu beneficio,

O ispirito da primeira associação em que primeiro se embrenharam para atenuar as agruras da sua existencia, foi o mutualismo cuja organisação ainda existe.

Porém, se é certo que os operarios em tempo de doença podem das associações de socorro mutuo colher algum beneficio, é muito restrito, o que nem sempre acontece, porque da mesma forma que ha doenças, ha tambem, crizes de trabalho que forçam o não pagamento da respetiva quota. E operarios, ha que, muitas vezes, ainda que trabalhem quotidianamente, não conseguem inscrever-se socios d'essas associações, por que não lho permite o pouco salario que auferem. Por isso, e ainda porque é necessario atender aos milhares dos sem-trabalho, é que o mutualismo não resolve o problema da mizeria.

Outra forma, aparentemente de resultados mais praticos, é o cooperativismo.

O cooperativismo é mais profundo. Viza, ou pelo menos assim se concebeu, á remodelação do atual sistema economico-capitalista, por meio da expropriação gradual e legal dos instrumentos de trabalho, da produção, etc, de modo que possa pela *cooperação de todos*, estabelecer a troca reciproca e mutua entre os produtores-consumidores.

Seria um bom meio de emancipação se não houvesse que se lutar com a poderosa potencia capitalista, que, senhora de toda a riqueza, capitalizada ou não, obsta á realização d'esse principio.

E as cooperativas que existiram e existem, serviram e servem, ainda, quando muito, para a eman-

cipação da tutela industrial áqueles individuos que n'elas conseguem anichar-se. Todavia, o papel das cooperativas pode ainda ser importante nas lutas do trabalho contra o capital, já auxiliando materialmente, grévistas, (em generos, por exemplo) já colocando aqueles que pelo industrialismo sejam perseguidos.

Para isso, porem, é preciso impremir-lhe um caráter mais social, porque o que teem é netamente comercial e capitalista, não se destinguindo em nada das formulas uzadas pela burguezia.

E' justo no entretanto dizer que, ao passo que se organizaram as sociedades cooperativas, se operou, no seio da classe trabalhadora e por influcso da Associação Internacional dos Trabalhadores, a organização exclusivamente operaria—as Associações de Classe profissionaes.

O caráter d'estas associações era de rezistencia ao capital. A sua ação, porém, era quasi nula, já porque o numero de associados era muito diminuto, já, e o que è mais, porque a sua orientação nunca se definiu d'uma maneira preciza e revolucionaria, para se poder impor ao patronato. E' que lhe tem faltado o *alvo* que devia determinar a sua orientação.

Sob a influencia politica, as associações de classe, nunca conseguiram alargar a sua esfera d'ação. Essa influencia manifestou-se de dois modos, isto é, interior e exteriormente. Assim, uma das carateristicas que influenciaram no seu fraco desenvolvimento, foi a confusão por muito tempo estabelecida no seu seio pelos sociaes-democratas. Não podendo estes, arrastar as associações de classe para o campo politico do seu partido como era seu desejo, baralharão o seu verdadeiro significado, o que fez com que

os operarios se desinteressassem por elas e até pelo partido por eles preconisado. . Por outro lado, o partido republicano, como estava na oposição, soube-se aproveitar d'esta fraqueza e fortalecer-se.

E assim, ao passo que o movimento operario decaía por culpa d'aqueles que não quizeram, ou o não souberam fortalecer pela educação revolucionaria dos operarios, criando em cada um uma conciencia autonoma e firme, aumentava de força o partido que hoje está no poder oprimindo o proletariado.

Mas como tudo tem a sua epoca, em virtude das necessidades serem dia a dia mais crescentes, o proletariado portuguez tende, como não podia deixar de ser, a organizar-se e a imprimir uma orientação na luta contra o capital, muito diferente de aquela que tem seguido até aqui.

III

E' o sindicalismo revolucionario, bazeado na *áção diréta* do Trabalho contra o Capital, que atualmente está a nortear a fraca organização operaria existente e a encaminha-la num sentido mais perfeito; ou por outra, é a remodelação profunda da organização operaria, que se vae integrando no verdadeiro espirito da *luta de classes*, desenvolvendo no seu seio o principio de autonomia amplo e fecundo, criando uma idiologia propria, pelo desenvolvimento da organisação sindical e federal em todas as profissões, abrangidas na confederação geral, como meio de solidarie-

dade na luta quotidiana pela melhoria do bem-estar economico-social até á extinção do salariato.

Já no Congresso de 1909, realisado em Lisboa, ficou assente esta nova orientação como sendo a unica que pode levar a classe trabalhadora á sua emancipação: «*O fim imediato de toda a organização operaria, è, sem duvida, alcançar, conquistar dirètamente, sem intervenção de gente estranha, uma melhoria constante nas condições de contrato do trabalho, que venha melhorar a situação material e economica do proletariado, proporcionando-lhe um melhor bem-estar, atuando cada agregado por si, dentro da sua respètiva area, mas sob uma ação comum e um acordo geral, não só com todos os profissionaes do mesmo oficio, mas tambem com todos os operarios de uma mesma região, paiz ou paizes.*

«*O fim mediato ou futuro consiste em os agregados profissionaes adquirirem cada vez mais preponderancia na produção das utilidades, atè que esta se transforme e se torne socialisada, pertencendo à massa anonima de todos os trabalhadores agrupados nas suas respectivas profissões livres e francas para quem as quizer exercer. E desta maneira o salariato terà passado à historia*».

Quando isto foi aprovado a burguezia, acostumada a presenciar apenas a verborreia entre os trabalhadores, sem mais resultados, não ligou grande importancia ao caso; mas, quando viu que das palavras se passava aos factos, eil-a que se apavora e vem logo, pela boca dos seus arautos apregoar formas de ação e organisação antiquadas e depressivas.

como são a organisação alemã e as Trade Unions inglezas.

E' claro que não consegue cousa alguma, porque, conquanto que os trabalhadores portuguezes não tenham uma compreensão exata do que seja o sindicalismo revolucionario, ainda se não deixam enlevar pelo canto da sereia politico-burgueza, e isto porque, apezar do analfabetismo, são, felizmente, pouco propensos, por temperamento e por muitas desiluzões que teem experimentado, ao ispirito disciplinarista.

Todavia, convem dizer algo sobre os efeitos negativos, determinados pela ação e organisação do proletariado alemão e inglez, para que os ingenuos, se porventura os ha, se não iludam por tão conspicuos *conselheiros*.

A organização alemã, preconisada principalmente pelos sociaes-democratas, é uma organização partidarista, cujos meios de luta se resumem na ação eleitoral.

Soburdinada ao partido socialista-reformista, claro é que o seu fim primordial é a luta parlamentar. Tendo estabelecido no seu seio o principio mutualista, acessivel a todos os agremiados, ele não visa a outra cousa que não seja o aniquilamento da energia revolucionaria do proletariado afim de melhor se assegurar no seu absolutismo.

E tanto assim é que os dirigentes d'aquela organização, em vez de romperem contra o preconceito militarista de que ha já seculos está eivado o povo alemão, ainda o cultivam e enraízam mais em proveito excluzivo da social-democracia, servindo, por este modo, não os interesses do proletariado escravo e faminto, mas os interesses do capitalismo.

O ispirito disciplinarista que se observa no exercito alemão é precisamente o mesmo que existe na organização operaria. Sendo uma organização poderosa em numero e em capital, é, no entanto, uma organização sem virilidade, sem potencia, sem ação combativa.

Não a norteia um ispirito de liberdade como se observa noutros paizes e mesmo em Portugal, mas sim o ispirito militarista desciplinado e passivo no mais alto grau. Não é uma organização de *homens*, é um *rebanho* inconciente movido por *maus pastores* aos quaes tem de obedecer quazi cegamente.

E para comprovar isto basta apenas este eiscerto dum estudo de *Manuel de Montuliu*, que, sendo burguez, é insuspeito... *Tinha que vir à culta Alemanha para ver tão degradante espetaculo. Em pleno seculo do automovel, precizamente num paiz famoso por seus dezenvolvimentos industriaes ha quem serve os homens como bestas de carga, e só faltaria para completar o quadro o azorragar do latego sobre as espaduas do escravo. Eis aqui a Alemanha moderna; uma grande pompa, um grande brilhantismo por fóra, e por dentro um despotismo dezenfreado por parte dos poderosos e um servilismo inaudito por parte de um povo dotado de todas as forças espirituaes para vencer as forças opressoras, mas que não sabe nem ouza utiliza-las por uma vez.*

Tenho tido ocasião de falar outras vezes deste povo alemão tão menosprezado, tão vilipendiado pelas altas classes sociaes deste paiz.

Este povo alemão entrou no socialismo sem passar pelos direitos do homem, *e eis aqui o seu*

mal e a cauza da sua mizeria; apezar da sua ilustração, não tem educação moral suficiente para entender a dignidade do homem; de rebanho de escravos passou a rebanho de socialistas; falta-lhe o nervo da individualidade e è, todavia, o conceito de multidão e de rebanho que constitue a sua força. Agora obedece como um só homem aos dirètores do partido, como os seus antepassados obedeciam ao senhor feudal; e ainda que os idiais desse partido sejam dignos e elevados, não teem despertado, todavia, o homem no seu interior e, por conseguinte a força que extèriormente aparenta.

O fogo da Revolução não batizou ainda este povo alemão, adorador de um Luiz XIV redivivo.

Crêmos que não será preciso mais para a demonstração do que é a organização reformista alemã. Todavia, convem dizer que já nem todo o operariado alemão obedece ás determinações dos socialistas reformistas. Já se teem observado alguns gestos revolucionarios e a gréve dos carvoeiros de Berlin, (1910) aí está a comprovar o que afirmamos.

A organização trade-unionista ingleza diverge muito da organização alemã. Alem de ser, como a organização reformista alemã, forte pelo numero e pelo capital, estabeleceu, como baze de bem estar para os agremiados, o contrato colétivo de trabalho entre patrões e operarios e por um determinado numero de anos. E para poder vencer qualquer peleja com o industrialismo, estabeleceu *caixas de rezistencia*, para as quaes todos quotisam regularmente. Quer dizer: emquanto que o operariado alemão concentrou a sua força nos chefes da social-democracia,

o proletariado inglez concentrou-a nas caixas de rezistencia. Assim a sua forma de luta foi por muito tempo excluzivamente legalista, o que pouco preocupou a burguezia, visto que, ela, *ganhando sempre* com o contrato de trabalho colétivo, possuia muitissimos mais milhões que os existentes nas *caixas*, e portanto, facilmente vencia os operarios.

A burguezia ingleza ganhava sempre e de duas maneiras como vamos demonstrar: se os operarios pretendiam alcançar da burguezia novas concessões e eram impelidos a ir á gréve, confiados simplesmente nas caixas de rezistencia, eram sempre derrotados.

Ainda assim se conseguiam arrancar quaesquer outras concessões, por meio de contrato de trabalho colétivo, ao industrialismo, nem porisso ficavam melhor garantidos, visto que, não só entravavam o passo a si mesmos para a conquista de novas regalias que correspondessem a novas necessidades, como se confessavam, *ipso-facto* inéptos por desconhecedores da sua dignidade de produtores, reconhecendo no patronato e no salariato uma razão de ser que não teem.

Isto mesmo está agora sendo reconhecido por uma grande parte do proletariado inglez. Ha um certo tempo a esta parte, que se teem declarado muitas gréves, com caráter mais ou menos violento, todas elas violando os contratos colétivos estabelecidos. Uma delas chegou a ser violentissima. Foi a dos mineiros no Paiz de Gales, os quaes chegaram a lançar mão da «sabotage» como unico meio de fazer que os patrões os atendessem.

Os meios legaes ou passivos estão sendo postos

de lado e a «ação direta» e revolucionaria entre os operarios inglezes vae criando raizes como o demonstram as resoluções aprovadas no ultimo congresso das Trade-Uniões.

Assim, para substituir a antiga organisação centralista, cujo rompimento já vinha sendo um facto e modificando dum modo geral a sua forma de luta, foi votado o seguinte: «Ordena-se ao «Comité» parlamentar das Trade-Uniões, que envie imediatamente uma circular ás Uniões aderentes ao Congresso, afim de recolher as suas opiniões ou iniciativas a respeito da formação de uma Federação nacional ou Confederação de todas as profissões. O «Comité» recolherá, egualmente, a opinião das Uniões respeitante á possibilidade ou conveniencia de que todos os acordos entre patrões e operarios caduquem em um mesmo dia».

Esta moção, cujo espirito foi considerado como o precursor da gréve geral, foi confirmada por est'outra; «O Congresso é de opinião que com o atual sistema de fracionamento das Uniões não se póde combater com segurança ou garantias de triumfo os ataques do capitalismo moderno, e reconhecendo a utilidade deste sistema no passado, considera no entanto que se lograria maiores resultados e se impulsionaria a redenção de Proletariado, se todas as Uniões existentes se organizassem por industrias, com um comité central eleito por todas as Uniões combinadas e com poderes para proceder de acordo em todos os casos de gréve ou *louck-out*, de modo que as reclamações d'uns sejam as reclamações de todos. O «Comité» parlamentar fica encarregado de

estudar esta questão e de apresentar o oportuno projeto no proximo Congresso».

Isto é, pozitivamente, um avanço do proletariado inglez para o sindicalismo revolucionario. Se estes acordos, como muito bem nota Anselmo Lorenzo, «precedessem de Hespanha ou de Italia ou ainda de França, dir-se ia: Impressionabilidade da raça latina! Sendo obra de inglezes estes acordos adquirem a importáncia de previsão revolucionaria».

Mas até mesmo na America do Norte, onde o trade-unionismo esteve tambem enrraízado, se está operando uma nova organização mais revolucionaria mais autonoma, mais livre, segundo a qual o proletariado americano marcha dirétamente á conquista de melhor bem-estar economico e social, contra todos os prejuizos «reformistas».

Em Portugal tambem já não é facil, ainda que peze aos «conselheiros» reformistas, deter ou desviar a marcha ascencional do proletariado no sentido da sua emancipação pelo caminho diréto, preconizado pelo sindicalismo revolucionario.

As forças que os proletarios portuguezes emprestaram aos politicos estão a aproveita-las para si. As gréves que se teem declarado nos ultimos tempos assim o afirmam.

E' verdade que a maior parte delas não foram aquilo que seria para desejar. Mas isso foi devido a uma falta de preparação que a ninguem é dado sensurar ou desvirtuar.

O que desses movimentos se depreende é que os proletarios portuguezes, em virtude da sua vida de cruciante mizeria, estão anciosos por melhores dias de bem-estar material e economico.

O que lhe falta é uma baze solida de organização e de orientação autonoma. Mas dessas já se ocupou o Congresso de que já falamos, faltando simplesmente pol-as em pratica.

E', pois, com essa questão que os operarios portuguezes se devem preocupar a valer e o mais rapidamente possivel, porque a burguezia tambem não descança, um momento sequer, na sua exploração. Mesmo porque já não basta pensar apenas nas reivindicações de pormenor, diminutas e quasi sempre sem grandes beneficios, como são as que consistem em conservar os atuaes horarios ou mesmo os pequenos aumentos de salario; o que urge é que os operarios alarguem a vista e profundem as causas determinantes da sua escravidão, afim de adquirirem a conciencia da sua personalidade, tornando-a respeitada pela ação inergica e comum, atuando continuamente de modo a conseguirem o aniquilamento do atual regimen capitalista.

IV

E absolutamente dificil aos operarios intentarem qualquer movimento no sentido de alcançarem melhoria de bem-estar material, economico ou social, estando isolados. Nas condições em que o industrialismo moderno tem estabelecida a produção, já os operarios não podem realizar as melhorias que almejam, senão depois de criarem uma organização forte e valorosa, de modo que a sua ação ponha um

obstaculo serio e potente, á exploração de que é vitima.

Da maneira que o capitalismo está a desenvolver a sua atividade no terreno industrial, já pelo desenvolvimento da mecanica nas dìversas industrias, desenvolvimento esse que traz como consequencia o aumento do numero dos sem-trabalho e portanto da mizeria nos lares proletarios, já organizando-se poderozamente para opôr a sua ação á ação conquistadora de mais bem estar do proletariado, é evidente que só o sindicalismo revolucionario lhe póde embargar o passo com vantagens reaes e pozitivas.

Ora, como á maior parte do proletariado portuguez, lhe cauza estranheza esta *nova* doutrina é necessario dizer-se que ela já não é absolutamente nova. Já foi, embora d'um modo geral, estabelecida quando da organização da grande Associação Internacional dos Trabalhadores. Já nessa associação, cujas *associações de classe* existentes hoje em Portugal, são o efeito da sua doutrina, se estabeleceu claramente a luta *diréta* do Trabalo contra o Capital e se definiu d'uma maneira categorica que a *emancipação dos trabalhadores ha-de ser obra dos mesmos trabalhadores*. Agora simplesmente se *precisou*, se *determinou* este caráter de luta, como o *nétamente* proletario e nada mais.

De resto esta doutrina está no espirito dos operarios. Já de ha muito que tempo que os trabalhadores reconheceram a necessidade de se organizarem profissionalmente em sindicatos (associações de classe). O que lhe tem faltado é a educação associativa e revolucionaria propria, nascida espontaneamente do espirito de autonomia que cada operario deve pos-

suir mesmo organizado. E é por isso que a palavra *sindicalismo* lhe causa estranheza.

Ora pois, *sindicalismo* significa o modo de luta pelo qual o proletariado se propõe conquistar, no terreno economico e social, todas as regalias que ser possa até á extinção completa do salariato.

Como baze primordial d'esta doutrina apresenta-se o sindicato ou associação profissional. N'esta associação se reunem n'uma conjugação de esforços os operarios d'uma profissão. E' ali que reside a sua força, força que se cria, naturalmente, espontaneamente, pela necessidade cada vez mais crescente de estudarem as causas determinantes da mizeria que nos seus lares existe e de lutarem para a debelar o mais rapidamente possivel.

E' claro que da maneira como teem sido encaradas as associações de classe, não se póde chegar ao fim a que o sindicalismo viza. E' de todos sabido que a maioria do proletariado organizado não tem a compreensão ezáta da força que adquire quando está organizado.

Por falta de educação associativa e revolucionaria, educação que só se adquire na luta sindical quotidiana, os operarios teem para si que a associação não é a *reunião de todos*, nem que as pequenas regalias—isto já para não dizer a remodelação da sociedade capitalista ou o aniquilamento do salariato—se podem e devem conquistar pela *cooperação de todos;* infelizmente os operarios, entram, no mais das vezes, para as associações, e abandonam as questões com o patronato ás diréções, ou a qualquer comissão, e entendem que essas entidades é que lhas hão-de resolver. A associação, para esses, é a comissão

administrativa ou a de melhoramentos, e julgam que quotizar é o bastante.

E' necessario que todos se compenetram de que não devem confiar a ninguem as questões que lhes digam respeito. Confiar a outrem o que só a nós compete resolver é não confiarmos em nós mesmos. E o sindicato (associação de classe) só é forte quando cada um de nós se integra na luta com energia, isto é, com persistencia, e perseverança interessando-nos em todos e por todos os assuntos, quer eles se relacionem com a propaganda diaria, quer se relacionem com movimentos reivindicadores. Um sindicato, qualquer que ele seja, não vale simplesmente pelo numero de sindicados, o que lhe dá força e o torna respeitado pelo patronato é o valor da conciencia revolucionaria que adquiriram os seus membros. Não, um sindicato não deve ser um *rebanho* dirigido por quaesquer *pastor*, que a mais das vezes nos guia mal, mas um conjunto de homens autonomos, com plena consciencia da sua personalidade, de cerebro livre e coração bem formado, cujo amor pela humanidade os faça integrar no espirito da mais estreita solidariedade na luta pela existencia.

Assim compreendido o ispirito sindicalista depressa se chega á convicção de que o sindicato só por si não basta para a nossa emancipação, e então, como forma de estreitar esforços entre sindicatos duma mesma industria ou similares (correlativas) organizam-se as federações profissionaes locaes, quando as circunstancias o forcem, a exemplo dos que existem em Lisboa (federação da viação lisbonense e União da construção civil) e no Porto, (co-

missão mixta das quatro classes da construção civil e federação textil), etc.

Mas esta organização tambem não basta. E' necessario completa-la, estende-la a todo o paiz, como estendidos estão os interesses burguezes.

Assim como a exploração burgueza não tem limites, isto é, estando estendida por todo o paiz o sistema capitalista, os males que sofrem os operarios d'uma localidade sofrem-no os operarios das outras localidades. Logo torna-se necessario estabelecer-se a solidariedade entre os operario em todo o paiz.

Como?

Criando *federações profissionaes nacionaes*, pelas quaes os operarios organisados possam melhorar as condições da sua existencia. Estas federações impõem-se. Assim por exemplo, se numa determinada localicalidade, os operarios já organisados em sindicatos resolvem intentar um movimento qualquer que os beneficie, não estando federados nacionalmente, podem facilmente ser atraiçoados pelos operarios d'outras localidades, enquanto que se estiverem federados já esse facto se não dá, porisso que a inteligenciação estabelecida o impede.

Por outro lado ainda, e esse é, talvez, o principal, a federação nacional, abrangendo os sindicatos de todo o paiz, pode facilmente determinar entre os profissionaes entendimentos, dos quaes resultem melhor bem-estar material e economico que a todos aproveite comumente.

As *federações profissionaes nacionaes* são mesmo a resultante da necessidade que os operarios de todo o paiz teem de defender-se e de conquistar cada vez e sempre melhoria de situação.

Mas como não existe apenas uma profissão que esteja sob o regimen do salario, como os operarios de todas as profissões são egualmente vitimas da exploração burgueza, surge a necessidade de se organizarem de modo a estabelecer a solidariedade contra o inimigo comum. E nesse caso apresentam-se as *Uniões* ou *Federações* locaes, que abrangem os sindicatos de todas as profissões em cada localidade.

Estas federações existem já. E conquanto que não tenham saido d'um certo marasmo, anomalia que provem já das associações aderentes, o que é verdade é que se conhece praticamente o quanto são uteis nas lutas do trabalho contra o capital.

Por meio das federações locaes se estreitam os laços de solidariedade entre os trabalhadores; por seu intermedio se levam a efeito movimentos de carater geral, se desenvolve a propaganda, se criam escolas onde se podem ministrar a instrução profissional e tecnica que aproveite a todos os federados, e outras aonde se ministre a instrução e educação racionaes; a formação de bibliotecas, tudo, enfim, que traduza o sentimento de solidariedade mutua, a propaganda e a educação do proletariado em geral.

Toda esta organização deve ter, por necessidade de luta e para canalizar a ação contra a exploração capitalista, um outro organismo onde estejam representados todos os sindicatos do paiz.—A Confederação Geral do Trabalho, que é formada por delegados especiaes, saidos dos sindicatos, por intermedio das federações profissionaes e das Uniões locaes.

A missão da confederação geral do Trabalho não constitue, de modo algum, a *direção* do movimento operario ou simplesmente da sua organização. Pelo

contrario: A confederação atúa segundo a orientação que recebe das federações, as quaes são, por sua vez, o reflexo da vontade dos sindicatos.

E' no sindicato que rezide toda a potencia, porque é absolutamente autonomo. E' do sindicato que provem toda a força de rezistencia á opressão e exploração capitalista; assim como é do sindicato que ha-de sair a força de coesão necessaria, a inergia indispensavel, que, tão depressa como os operarios d'isso se convençam, ha-de trazer a remodelação da sociedade e a emancipação da classe trabalhadora.

A Confederação Geral do Trabalho é simplesmente um aglomerado de individuos que, sendo nomeados pelas federações, *com pleno assentimento dos sindicatos*, se encarrega de ativar a marcha do proletariado, pela propaganda, pela educação e pela solidariedade de todos os confederados, para a destruição de todos os obstaculos que se anteponham á sua libertação.

E' assim que a organização sindicalista é compreendida e praticada em muitos paizes (França e Espanha, principalmente) aonde o industrialismo está dezenvolvido; e é, realmente, esta a organização que melhor corresponde aos desejos e ás aspirações do proletariado, que anceia a sua libertação e emancipação integral de toda a opressão e exploração burgueza.

V

Reconhecida a necessidade de se estabelecer uma potente organisação operaria, resta-nos falar da ação

correspondente que facilite a todos os explorados os meios de adquirirem mais bem estar economico e social e que rapidamente nos conduzam á supressão do patronato e do salariato.

Tres são os modos de luta bastas vezes apontados á classe trabalhadora, como sendo os unicos de que ela deve lançar mão para conseguir mais bem-estar na sociedade—as *caixas de rezistencia*, o *reformismo* e a *ação diréta*; o primeiro adótado já na Inglaterra, o segundo na Alemanha e o terceiro na França.

Dos dois primeiros já tivemos ocasião de falar no III capitulo, e já constatamos a sua ineficacia como meios de ação na luta diaria do trabalho contra o capital. Isso não impede, porem, de outra vez a eles nos referirmos, para se ter uma melhor compreensão da superioridade da *ação diréta* sobre aqueles dois métodos de luta.

Houve tempo em que se confiou no valor das caixas de rezistencia para se vencer a relutancia capitalista nos momentos de luta, principalmente auxiliando os operarios em tempo de gréve. Não se teve em conta que, por muito avultadas que fossem as quotas que dessem entrada nas *caixas de rezistencia*, nunca se conseguira acomular dinheiro para, nessa luta rezistir ao grande capital acomulado da burguezia; e assim, quando se imaginava que em cofre haveria capital suficiente para o sustento de algumas centenas de operarios que se declarassem em gréve por tempo indeterminado e que se lançavam no movimento, o fracasso era completo. A prova provada deste facto, está na gréve dos mecanicos de Londres, (1897) que, depois de lutarem sete mezes e de gasta-

rem **27 milhões de libras**, tiveram de se render completamente derrotados.

Este e outros fracassos de não menos importancia determinaram já o rompimento dos operarios inglezes contra esta tática de luta. Ora quando aqueles que adotaram tal sistema de luta, já se não conformam e rompem contra ele, escuzado será argumentar.

As *caixas de rezistencia* alem de serem inuteis são, como o *reformismo*, perniciosas para os trabalhadores. E é por esse motivo que estas *táticas* são aconselhadas ao proletariado. De facto nunca a burguezia quiz conceder á classe trabalhadora o direito á vida. E' demasiadamente egoista para nisto pensar, sequer. Só em face do perigo, isto é, vendo que os produtores estão pensando alguma coisa nos meios diretos que apressam a sua libertação, é que a burguezia se agarra a tudo á semelhança do afogado que vendo proxima a morte, procura agarrar-se á ultima taboa de salvação.

Assim, para a burguezia, o *reformismo* é uma tática que lhe permite gozar por mais largo tempo os prazeres parazitarios, facultados pelos proletarios jungidos ao carro politico. O reformismo, bem compreendido, não implica a necessidade da existencia das associações sindicalistas. E' uma tática fundamentalmente politica, por isso que obedece a um fim politico preconcebido—a *republica social*.

Sendo a aspiração dos sociaes-democratas, burguezes ou não, a conquista dos poderes publicos para transformarem a sociedade no campo politico, deixando subsistir o salariato, é evidente que a ação do povo, para eles, tem de ser a luta parlamentar.

As associações sindicalistas, apenas lhes servem como meio de alcançarem esse desejo. E não percizamos de recorrer a outros paizes a colher provas do que dizemos. E' ver-se o que os sociaes-democratas teem produzido de util na educação do operariado portuguez, para que ele avance para a sua emancipação: não teem feito causa alguma.

Apenas se teem servido das associações para recrutar adeptos a uma causa que, em nada melhorando as condições economicas e sociaes do proletariado, só aproveitam á politica do seu partido. E senão, veja-se, compare-se a atividade que os sociaes-democratas empregam na luta contra o capital e a que empregam nas epocas eleitoraes.

E porquê tudo isto? Porque os sociaes-democratas só consideram como fim da emancipação humana a Republica Social, aonde o proletariado deixa de estar sob o látego do industrialismo particular, individual, para ficar sob o azorrague de um unico patrão—o Estado...—sistema social porventura mais tiranico do que o que presentemente nos escraviza.

Os rezultados conseguidos pela ação reformista, são nulos. Mais do que isso são deprimentes como se viu no capitulo III. O *reformismo* acima de tudo conserva o proletariado em constante apatia, aniquila-lhe a vontade propria, a autonomia, a energia vivificante que dia a dia deve trazer novos insinamentos que o aprossime, da sua emancipação integral.

De resto já é inutil querer deter a marcha revolucionaria do proletariado. Desde que ele compreendeu que só organizado autonoma e federalmente podia apressar o fim da sua escravidão, integrou-se, *ipso-facto*, no ispirito da *luta de classes* e, conse-

quentemente, na *ação diréta*. Simplesmente lhe teem feito crêr que a *ação diréta* é uma coisa diferente do que ela é. Assim, os politicos, teem espalhado aos quatro ventos, que a *ação diréta* consiste em os operarios virem á praça publica exporem-se a carnificinas e outras coisas assim horripilantes.

E' preciso que se saiba que não é nada d'isso.

A *ação direta* é não confiarmos no parlamentarismo nem nos homens que o defendem; é não esperar do Estado senão reformas iluzorias e deprimentes para os que produzem e sofrem; é não entregarmos as resoluções das nossas questões com o patronato a politicos que sempre nos ludibriam; é lutarmos aberta e diretamente com aqueles que diretamente nos escravizão; é confiarmos na força saída do nosso esforço; é lutar no campo economico-social cada vez com mais inergia, de modo que abreviemos a queda do patronato e do salariato que nos tem presos ao carro da escravidão capitalista; é, em suma, o meio de apressarmos, sem receio de caìrmos em ciladas burguezas, o aniquilamento de toda a opressão e escravidão; e é, sobretudo o revigoramento da inergia perdida, que, colocando o trabalhador na plena posse das suas faculdades fizicas, intelétuaes e moraes, o eleva e o integra no sentimento da sua personalidade.

Todas as revoluções sociaes ou politicas se tem feito por meio da *ação diréta*. Em Portugal, emquanto o partido republicano se limitou á ação parlamentar não conseguiu derrubar a monarquia. A monarquia foi substituida pela republica, quando a sua ação foi *diréta*.

E' isto precisamente o que o proletariado precisa

fazer. E' dirigir o seu ataque aos fundamentos do regimen capitalista. Os meios que estão ao seu alcance, são a *gréve*, a *sabotage*, a *boicotage* e a *gréve geral*.

A *gréve* parcial emprega-se por tres motivos: por solidariedade para com um ou mais perseguidos, para defeza de regalias adquiridas, e para conquista de novas regalias.

Em qualquer d'elas tem razão de ser a *boicotage* e a *sabotage*.

Assim por exemplo: se um industrial se recuza a satisfazer as reclamações dos seus operarios, promove-se-lhe uma campanha no sentido de que ninguem se sirva dos seus produtos, ou que nenhum operario produza para ele; se é um comerciante ainda a boicotagem é de resultados mais praticos: basta só que a campanha seja dirigida de modo a evitar que os freguezes não comprem no seu estabelecimento. Desta maneira os industriaes ou comerciantes são compelidos a satisfazer as reclamações dos seus assalariados.

A *sabotage* é, tambem, de resultados eficazes.

Primitivamente a *sabotage*, restrigia-se «á má paga, mau trabalho». Hoje, porem, tem maior alcance. Emprega-se tambem no sentido de obrigar, pela força, o patronato a ceder ás reclamações dos operarios.

A forma como se exerce a *sabotage* depende das condições em que cada industria é exercida. Assim, compete aos operarios estudar a melhor forma de, nos momentos psicologicos, a pôr em pratica. A nós só nos é dado garantir que a *sabotage* é de

excelentes resultados A questão está em sabe-la exercer a tempo.

Em Portugal já podemos citar um exemplo. Foi na gréve geral dos corticeiros. Quando a cortiça estava na estação do caminho de ferro para ser embarcada, incendiou-se. Como foi ninguem sabe. O que se sabe é que isto foi o bastante para serem emediatamente atendidos em tudo que exigiam.

Uma coisa houve que é para ponderar: a cortiça que se incendiou, foi a que já estava manufaturada...

A *gréve geral* é um dos principaes meios de luta que a classe trabalhadora possue para arrancar ao capitalismo tudo quanto deseje.

Póde ser empregada pelos trabalhadores duma localidade, pelos operarios duma determinada industria num paiz, ou por todos os trabalhadores dum paiz e será, talvez, num proximo futuro empregada por toda a classe trabalhadora mundial como meio de transformação social.

Do terror que ela causa á burguezia, falam bem alto, a gréve geral do operariado do Porto, (1903) e a na industria corticeira (1910), e ainda a greve geral de 24 horas que em Lisboa se verificou como protesto contra os assassinatos de Setubal; por estas gréves pode-se depreender o que seria a gréve geral nacional.

Pense o proletariado portuguez na força que lhe advem uma vez organizado convenientemente: oriente a sua ação revolucionariamente e depressa se convencerá, que não existem forças burguezas bastantes, que se oponham á sua emancipação integral.

Do seu esforço é que depende a sua libertação. Raciocine sobre as causas da sua mizeria, peze bem

os obstaculos que tem a vencer, que depressa criará a convicção de que só o sindicalismo revolucionario que tem integrado em si a *ação diréta*, de cuja tática depende a destruição do Capitalismo e do Estado, lhe trará melhores dias de felicidade.

Leitura que recomendamos

Jeorge Etievant:
A Minha Defesa 40

Emile Pouget:
A Confederação Geral do Trabalho . 200
As Bazes do Sindicalismo . . . 20

C. G. do Trabalho:
O dia de 8 horas 20

Adolfo de Lima:
O Contrato do Trabalho. . . . 1$000

V. Griffuelhes:
A Ação Sindicalista 200

V. Griffuelhes, B. Kritchewsky, A. Labriola, H. Lagardelle e Robert Michels:
Sindicalismo e Socialismo . . . 200

Augusto Cezar dos Santos:
A questão operaria e o Sindicalismo . 200

José Prat:
A's Mulheres 50

M. Pierrat:
Sindicalismo e Revolução . . . 100

Adelino Tavaves de Pinho:
Pela Educação e pelo Trabalho . . 50

A. Doria:
Imposto de Sangue. 300

C. de Lisle:
A Propriedade e o Socialismo . . 20

Elizeu Reclus:
Evolução, revolução e idial anarquista. 400

A. Hamon:
Determinismo e responsabilidade . . 300

Heliodoro Salgado:
Mentiras Religiosas 300

Em publicação:

NO PORTO — *A Aurora,* semanario anarquista . 10
EM LISBOA — *O Sindicalista,* semanario defensor das classes trabalhadoras . . 10
A Sementeira, revista mensal anarquista . 40

Todos os pedidos podem ser feitos á Bibliotheca «A VIDA» Rua da Bainharia, 150-2.º—Porto, vindo acompanhados da respectiva importancia.

Leitura que recomendamos

Jeorge Etievant:
A Minha Defesa 40

Emile Pouget:
A Confederação Geral do Trabalho . 200
As Bazes do Sindicalismo . . . 20

C. G. do Trabalho:
O dia de 8 horas 20

Adolfo de Lima:
O Contrato do Trabalho. . . . 1$000

V. Griffuelhes:
A Ação Sindicalista 200

V. Griffuelhes, B. Kritchewsky, A. Labriola, H. Lagardelle e Robert Miehels:
Sindicalismo e Socialismo . . . 200

Augusto Cezar dos Santos:
A questão operaria e o Sindicalismo . 200

José Prat:
A's Mulheres 50

M. Pierrat:
Sindicalismo e Revolução . . . 100

Adelino Tavaves de Pinho:
Pela Educação e pelo Trabalho . . 50

A. Doria:
Imposto de Sangue. 300

C. de Lisle:
A Propriedade e o Socialismo . . 20

Elizeu Reclus:
Evolução, revolução e idial anarquista. 400

A. Hamon:
Determinismo e responsabilidade . . 300

Heliodoro Salgado:
Mentiras Religiosas 300

Em publicação:

NO PORTO — *A Aurora*, semanario anarquista . 10
EM LISBOA—*O Sindicalista*, semanario defensor das classes trabalhadoras . . 10
A Sementeira, revista mensal anarquista . 40

Todos os pedidos podem ser feitos á Bibliotheca «A VIDA» Rua da Bainharia, 150-2.º—Porto, vindo acompanhados da respectiva importancia.